

Brasil pós-moderno?

Contardo Calligaris

Folha de S. Paulo, 10 de janeiro de 2019

País se modernizou sem mudar estruturas tradicionais e autoritárias de poder

Tento resumir ao essencial meu estranhamento com o novo governo e com as eleições que o levaram ao poder. Chego a isso: eu achava que vivia numa sociedade pós-moderna, e estava enganado.

O que definia a sociedade pós-moderna na qual eu achava que vivia (e me considerava feliz de estar vivendo)? Essencialmente:

1) Uma liberdade e diversidade ampla de desejos e atos, ou seja, um mundo em que os desejos e os atos dos outros só me dizem respeito caso eles transgridam uma norma do Código Penal. Em matéria de sexo, por exemplo, o ato do outro só me diz respeito em caso de estupro ou de abuso de menor ou incapaz —quanto ao resto, que cada um goze como lhe sai melhor;

2) Uma definição do comportamento moral como sendo inspirado por escolhas no foro íntimo de cada um —e seu corolário: é imoral qualquer escolha inspirada pela obediência a "valores" coletivos, que não sejam inventados e defendidos pela singularidade de cada um de nós.

Nesse mundo, em que eu achava que vivia, a tolerância era extrema, a diversidade valorizada e a boçalidade (ou seja, a vontade de impor nossas regras aos outros) existia só como um resto de passados arcaicos, em via de extinção. De onde vinha minha ilusão?

Talvez do ambiente que mais frequento: pessoas que viajam, leem jornais e livros, agnósticos (em sua maioria) ou ateus, intelectuais que falam várias línguas e desprezam a ideia de nação (ou, pior, de pátria) etc.

Talvez da internet, que, no mínimo, prolonga a ilusão de que o mundo não tenha fronteiras e de que, nele, todos tenham direito à mesma plena cidadania. Talvez da fala dos alarmistas que citam Zygmunt Bauman e se queixam de estarmos vivendo num mundo líquido, e eu acredito e me alegro com isso. Talvez ainda das ficções que, em tese, eu pensava, retratam nosso mundo.

Pensei, aliás, na relevância das ficções quando vi apoiadores de Bolsonaro, no [dia da posse](#), gritando "Facebook" e "WhatsApp" contra jornalistas da Rede Globo. Claro, eles criticavam o jornalismo profissional, manifestando sua preferência pelo boca a boca das redes sociais. Mas não era só isso. Explico.

Durante muitos anos, pensei que, no Brasil, a televisão era o grande agente de transformação das consciências. Um beijo entre duas pessoas do mesmo sexo na novela das 20h me parecia afastar a boçalidade nacional mais do que qualquer ensaio ou ação política. A cultura de massa rivalizava com os preconceitos e me parecia que, nessa luta, a cultura de massa estivesse ganhando.

Ninguém, eu pensava, iria "voltar atrás", contrariar ciência e experiência e inventar que só existe um desejo sexual certo ou que só tem dois gêneros. Se algo apareceu na novela, é que está aceito e firme na consciência nacional.

As eleições mostraram diferente. Na TV, a gente pode se apresentar como uma sociedade tolerante, diversa, libertária e libertina, mas, de fato, somos pós-modernos só na TV.

Ou melhor, a televisão não simula nossas vidas de classe média, mas um mundo urbano, laico, informado, relativamente culto, elegante e menos preconceituoso do que o nosso. É o primeiro mundo ao qual fazemos de conta que pertencemos. Mas é só um fazer de conta e uma tentativa de imitar.

Imitamos como? Consumindo. Tentamos comprar o acesso ao primeiro mundo à força de cintos, bolsas e perfumes, mas essa é a única simulação que nos permitimos. Nada de direitos humanos para as minorias, nada de feminismo básico compartilhado, nada de tolerância e liberdade dos indivíduos. E só conseguimos ser eternos turistas caipiras errando por um shopping center, de cartão de crédito na mão.

Por que não estamos preparados para o primeiro mundo que criamos e com o qual brincamos na TV? Por que nossa pós-modernidade é apenas um sonho de consumo?

Por falta de cultura e de história que nos levem a isso? É possível. Por medo? Se negros e mulheres se tornarem cidadãos como nós, quem vamos escravizar? E, se os desejos desviantes forem permitidos, quem controlará nossos próprios desejos inconfessáveis e inconfessados? Também é possível.

O Brasil já se modernizou, nos anos 1960, sem alterar as estruturas tradicionais e autoritárias de poder. Foi a dita modernização conservadora. Hoje, descubro que a aparente pós-modernidade brasileira também era conservadora: só consumo e uma feira de vaidades, sem transformação cultural.